

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS REALEZA
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

EDUARDA CECATTO SOUZA LOURES

MULHER: O PRAZER E O SABER

**Realeza
2021**

EDUARDA CECATTO SOUZA LOURES

MULHER: O PRAZER E O SABER

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade da Fronteira Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Izabel Aparecida Soares

Realeza

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Loures, Eduarda Cecatto Souza

MULHER: O PRAZER E O SABER / Eduarda Cecatto Souza
Loures. -- 2021.
22 f.

Orientadora: Professora e Doutora Izabel Aparecida
Soares

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Ciências Biológicas, Realeza, PR, 2021.

1. Orgasmo, Sexualidade humana, Relações de prazer,
Autoconhecimento.. I. Soares, Izabel Aparecida, orient.
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

Eduarda Cecatto Souza Loures

MULHER: O PRAZER E O SABER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Realeza - PR, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Izabel Aparecida Soares

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: **05/10/2021**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mariane Inês Ohlweiler
(Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Realeza)

Profa. Dra. Silvia Carla Conceição Massagli
(Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Realeza)

Profa. Dra. Izabel Aparecida Soares
(Orientadora) – UFFS

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 HIPÓTESES	7
3 OBJETIVOS	7
3.1 OBJETIVO GERAL	7
3.1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	7
4 MATERIAIS E MÉTODOS	7
4.1 ÁREA DE ESTUDO	8
4.2 PROCEDIMENTO	8
5 RESULTADOS	9
6 DISCUSSÃO	15
7 CONCLUSÃO	17
REFERÊNCIAS	19
APÊNDICE A — QUESTIONÁRIO APLICADO	20

MULHER: PRAZER E O SABER

WOMAN: PLEASURE AND KNOWLEDGE

MUJER: PLACER Y CONOCIMIENTO

Resumo: O conhecimento apropriado do corpo feminino quanto às regiões relacionadas ao prazer, por muito tempo foi considerado como um tabu. Desta forma, o prazer feminino foi silenciado e julgado ao longo da história da humanidade. Ainda há muitos traços desse silenciamento e julgamento a respeito da sexualidade dentro da sociedade atual. O objetivo deste trabalho foi avaliar as percepções das alunas e professoras do curso de Ciências Biológicas quanto à influência da religião, grau de escolaridade, estado civil e tempo de relacionamento na compreensão do corpo e as relações de prazer sexual. Para isso, foi aplicado um questionário com questões abertas e fechadas para alunas e professoras do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza/PR, através de uma plataforma online. Diante das hipóteses estabelecidas, pode-se concluir que a religião não influencia a compreensão do corpo e as relações de prazer; o estado civil e o tempo de relacionamento é um fator determinante do conhecimento do prazer, e grau de escolaridade não pode ser avaliado não foi o fator decisivo para o conhecimento das estruturas corporais relacionadas ao prazer. .

Palavras-chave: Orgasmo, Sexualidade humana, Relações de prazer, Autoconhecimento.

Abstract: Accurate knowledge of the female body concerning its pleasure zones, for a long time, was considered a taboo. Therefore, female pleasure has been a silenced and judged subject throughout human history, and there are still traces of this silencing and judgment regarding female sexuality in today's society. The aim of this study is to analyse the perceptions of Biological Sciences students and teachers on the influence of religion, educational attainment, marital status and length of relationship in the understanding of the body and sexual pleasure relations. For this, a questionnaire with open and closed questions, through an online platform, was applied to female students and professors of Biological Sciences at the Federal University of Fronteira Sul, Campus Realeza, Parana. Considering the thesis statement of this paper, it is possible to affirm religion does not influence the understanding of the female body and pleasure relations; marital status and length of relationship are determining factors for knowledge of pleasure, and educational attainment could not be assessed with certainty in this research.

Keywords: Orgasm, Human sexuality, Pleasure relations, Self-knowledge.

Resumen: El conocimiento adecuado del cuerpo femenino con respecto a las regiones relacionadas con el placer, durante mucho tiempo fue considerado un tabú. De esta manera, el placer femenino fue silenciado y juzgado a lo largo de la historia de la humanidad. Aún quedan muchos rastros de este silenciamiento y juicio sobre la sexualidad dentro de la sociedad actual. El objetivo de este trabajo fue evaluar las percepciones de estudiantes y docentes de la carrera de Ciencias Biológicas sobre la influencia de la religión, el nivel educativo, el estado civil y la duración de la relación en la comprensión del cuerpo y las relaciones de placer sexual. Para ello, se aplicó un cuestionario con preguntas abiertas y cerradas a estudiantes y profesores del curso de Ciencias Biológicas de la Universidad Federal de Fronteira Sul, Campus Realeza / PR, a través de una plataforma en línea. Frente a las hipótesis establecidas, se puede concluir que la religión no influye en la comprensión del cuerpo y las relaciones placenteras ; El estado civil y la duración de la relación es un factor determinante para el conocimiento del placer, y el nivel de educación no se puede evaluar con certeza en esta investigación.

Palabras clave: Orgasmo, Sexualidad humana, Relaciones de placer, Autoconhecimento.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade pode ser compreendida de diversas formas, de acordo com cada localização, cultura, família, sociedade e religião. Está presente em expressões variadas, que podem influenciar na educação de cada sujeito, e se apresentam em forma de mitos, tabus, experiências, preconceitos e conceitos sexuais.

De acordo com Figueiró (2010), há pouco tempo atrás falar sobre educação sexual na escola era visto como uma ameaça aos “bons” costumes ou algo de outro mundo. Hoje, considera-se que a escola tem um papel fundamental para “educar” e orientar os alunos nas questões sexuais.

A autora (FIGUEIRÓ, 2010, p. 188) ainda aponta que a educação sexual deveria ser emancipatória, ou seja, o indivíduo necessita desenvolver sua autonomia a respeito dos valores, comportamentos e vontades sexuais, para que assim, assuma uma liberdade sexual, sem culpa, sem opressão, preconceitos, desigualdades e violência sexual.

Todavia, atualmente, a temática ainda é vista como um tabu, considerando que muitas famílias não concordam que uma pessoa externa do vínculo familiar ou social, aborde o assunto com os filhos, pois desta forma, há um controle sobre o que eles consideram pertinentes ou não, ser ensinado, isso problematiza ainda mais a sexualidade humana, visto que em sua maioria a família e o grupo social é o que menos dialoga a respeito.

Essa problemática também persiste dentro das escolas, quando se aborda sexualidade com os alunos. Nos momentos em que são apresentadas as estruturas constituintes dos órgãos sexuais feminino, não é mencionado o ponto G, sua formação embriológica, onde está localizado, qual sua finalidade. Não aborda-se o prazer, nem a importância da masturbação e do autoconhecimento, fazendo com que as mulheres não compreendam o poder de conhecer a si mesmas, concluindo que a reprodução sexual é a única vertente.

Por esses motivos em questão, grande parte da população feminina brasileira é diagnosticada com disfunções sexuais, causadas indiretamente pela educação sexual (tanto nas escolas, quanto em casa), religião (que ainda considera a sexualidade como pecado), e traumas (psicológicos, físicos e sexuais) que podem agir de forma negativa no autoconhecimento do corpo e prazer sexual da mulher, reforçando a magnitude de explorar essa temática.

Sendo assim, questiono, será que o grau de escolaridade, religião, estado civil e tempo de relacionamento influenciam na sexualidade humana, na compreensão do corpo e as relações de prazer? O presente estudo busca avaliar quais as percepções das mulheres quanto

à influência da sexualidade humana na compreensão do corpo e as relações de prazer sexual, podendo ser, esse projeto de extrema importância para o conhecimento do prazer feminino, pois, possibilitará que mulheres possam compreender que o prazer sexual é delas de direito.

2 HIPÓTESES

- O grau de escolaridade, religião, estado civil e tempo de relacionamento influenciam na sexualidade humana, na compreensão do corpo e as relações de prazer;
- Os fatores biológicos, culturais e sociais, tem um significado amplo e variado na reprodução do indivíduo, sendo elemento de realização humana nas relações afetivas.

OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar as percepções das alunas e professoras do curso de Ciências Biológicas quanto ao conhecimento da sexualidade humana na compreensão do corpo e as relações de prazer sexual.

3.1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Averiguar os conhecimentos das participantes da pesquisa da educação sexual do seu corpo e as relações com o prazer;
- Verificar se o grau de escolaridade, religião, estado civil e tempo de relacionamento influenciam na sexualidade humana, na compreensão do corpo e as relações de prazer;
- Identificar conflitos sociais, religiosos, emocionais e tabus quanto ao prazer sexual.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

4.1 ÁREA DE ESTUDO

O estudo de caráter qualitativo, quantitativo, transversal e descritivo. Foi realizado com alunas matriculadas no Curso de Ciências Biológicas no ano de 2021 e Professoras na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), situada no município de Realeza, Campus/Pr.

4.2 PROCEDIMENTOS

O curso de Ciências Biológicas foi escolhido por conter um público feminino diversificado, na cultura e religião, além de abordar ao longo da graduação disciplinas que trabalham a anatomia e a fisiologia humana, contribuindo para a relevância desta pesquisa. Ainda, por ser o curso de origem da pesquisadora, possibilitou o favorecimento da rede de contatos e divulgação do estudo.

Devido à condição pandêmica do vírus para a SARS-CoV-2 em que estamos vivenciando no momento, a busca dos dados foi realizada através do google forms, estando as integrantes da pesquisa a disposição para esclarecer possíveis dúvidas quanto às quinze questões em estudo.

Após parecer de aprovação 4.862.762, do no Comitê de Ética em Humanos, o público feminino do curso de Ciências Biológicas foi convidado a participar do projeto, respondendo um instrumento de coleta com quatro questões sociodemográficas que abrangiam o grau de escolaridade, religião, estado civil e tempo de relacionamento, e também onze questões específicas à respeito das funções dos órgãos constituintes do sistema genital feminino, em destaque aos órgãos relacionados ao prazer feminino (clitóris e glândulas), assim como o hábito da masturbação, ocorrências de orgasmos e a saúde sexual. Algumas questões foram elaboradas a partir dos estudos de Vieira et al (2016); Reis e Kobayash (2015).

Esse convite foi feito para todas as docentes e alunas do Curso de Ciências Biológicas no Campus Realeza/PR, de forma individual do grupo WhatsApp-Biologia, via eletrônico, com admissão ao convite e ao formulário Google forms, na qual constou o TCLE para o aceite ou não do estudo, respeitando a disponibilidade, interesse e consentimento das participantes.

Google forms: Ferramenta virtual que possibilita a coleta de respostas através de questionário online, o qual pode ser respondido por qualquer aparelho que esteja conectado à internet (celular, tablete, notebooks, etc.).

Após a coleta de dados, realizou-se o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro em plataforma virtual, ambiente compartilhado ou “nuvem”. O mesmo cuidado foi seguido para os registros de consentimento livre e esclarecido.

Para o cálculo amostral considerou-se o público feminino do curso de Ciências Biológicas, alunas e docentes considerando um erro amostral de 0,05% e intervalo de confiança de 95%. A estimativa era de uma amostra de 21 participantes, integrantes da pesquisa. No entanto, o aceite de participação não se restringiu ao número esperado.

A técnica para obtenção da amostra foi por conveniência, tendo como critérios de inclusão: ter condições físicas e mentais para compreender e responder às questões do instrumento de coleta de dados; discentes e docentes mulheres que integram o curso de Ciências Biológicas; aceitar, por livre e espontânea vontade, participar da pesquisa, após ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

5 RESULTADOS

Fizeram parte da pesquisa 40 participantes, das quais 5 são docentes. Nos dados elencados do instrumento de coleta no que se refere à escolaridade, 87% possuem ensino superior incompleto, 10% ensino superior completo e 3% pós-graduação e doutorado. No tocante à adesão religiosa, 50% são católicas, 10% cristã, 5% luterana, 2,5% evangélica e budista. Quanto ao estado civil, 40% namoram, 33% são solteiras e 27% são casadas. Referente ao tempo de relacionamento, 3% estão no período de 15 anos (casada), 12 anos (casada), 11 anos (casada), 4 anos e alguns meses (namora), 3 anos e 2 anos (namora), 5% estão no período de 8 anos (uma namorada e uma é casada), 7 anos (uma namora e uma casada), 6 anos (namora), 5 anos (uma namora e uma casada), 8% estão em um período de 4 anos (duas namoram e duas são casadas), 1 ano (namoro), 10% estão no período de 2 anos e alguns meses (duas namoram e duas são casadas). Destacam-se ainda 4 participantes que não souberam interpretar as questões a respeito da religião e 8 que declararam não ter religião.

Dentre as participantes que relataram conhecer todas as estruturas que compõem as excitáveis durante o ato sexual, a maioria (92%) possui ensino superior incompleto, e 61% estão em um relacionamento estável, no período mínimo de 2 anos alguns meses e no período máximo 12 anos, 66% são religiosas. Descrito na Tabela 1.

Tabela 1: Conhecimento das participantes quanto às estruturas que compõem as excitáveis durante o ato sexual, quais delas as participantes tiveram conhecimento (N=40).

Variáveis	Frequência	Porcentagem%
Todas elas	26	65%
Clitóris	12	30%
Glândulas produtoras de secreção para a lubrificação externa	1	2,5%
Nenhuma das estruturas	1	2,5%

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2021.

Referente às que relataram sentir orgasmo todas as vezes que fazem sexo e em todas as vezes que se masturbam, 90% possuem ensino superior incompleto e 64% são religiosas. Em sua maioria (71%) estão em um relacionamento estável, na qual o período mínimo observado foi de 2 anos e alguns meses e o período máximo, foi de 12 anos. Ainda, 5% das participantes não responderam. Descrito na Tabela 2.

Tabela 2: Percentual de respostas quanto “Última vez que a participante declarou ter sentido orgasmo” (N=38).

Variáveis	Frequência	Porcentagem%
Todas as vezes que faço sexo	21	52,5%
Sozinha me masturbando	10	25%
Não sei se o que sinto é orgasmo	5	12,5%
Nunca senti orgasmo	2	5%

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2021.

Dentre as que têm o hábito ou já tiveram prazer se masturbando, 87% possuem ensino superior incompleto, 10% possuem ensino superior completo e 3% pós-graduação em doutorado. Destacam-se as que são casadas e namoram (75%), na qual 12% no período de 2 anos e alguns meses (duas namoram e duas são casadas), 6% no período de 1 ano (namora), 3 anos e alguns meses (namora), 4 anos (uma namora e uma casada), 5 anos (uma namora e uma é casada), 6 anos (namora), 7 anos (uma namora e uma casada), 8 anos (uma namora e uma casada), 3% no período de 2 anos (namora), 3 anos (casada), 4 anos e alguns meses (namora), 12 anos (casada) e 15 anos (casada). Ainda, 2,5% das participantes não responderam a questão, na qual não pode-se ter uma avaliação. Conforme Tabela 3.

Tabela 3: Percentual de respostas quanto ao questionamento “Têm o hábito ou já sentiu prazer se masturbando” (N=39).

Variáveis	Frequência	Porcentagem%
Sim	32	80%
Não, já tentei, mas não consegui.	5	12,5%
Nunca, mas gostaria de tentar.	2	5%

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2021.

Referente às afirmações de estar com o desejo normal, (Tabela 4) a sua maioria (86%) tem ensino superior incompleto, enquanto 86% são religiosas. Destacam-se as que estão em um relacionamento estável (86%), no período mínimo de 2 anos e alguns meses, e um período máximo de 15 anos de união. Destacam-se algumas mulheres (7,5%) que não responderam a questão.

Tabela 4: Dados elencados no estudo quanto a “Qualidade do desejo e libido sexual” (N=37).

Variáveis	Frequência	Porcentagem%
Meu desejo está normal	28	70%
Não tenho muito interesse em sexo, por motivo de estresse	7	17,5%
Não tenho muito interesse em sexo, por motivo de doença	2	5%

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2021.

Quanto às mulheres que afirmaram estimular todas as zonas erógenas, 93% possuem ensino superior incompleto, 7% possuem ensino superior completo, 50% são religiosas, 77% estão em um relacionamento estável, 14% no período de 2 anos e alguns meses (namora), 4 anos (uma namora e uma casada), 5 anos (uma namora e uma casada), 6 anos (namora), 7% no período de 1 ano (namora), 2 anos (namora) e 8 anos (namora). Ainda, 2,5% das participantes não responderam, na qual não puderam ser avaliadas. Indicado na Tabela 5.

Tabela 5: Dados referentes ao questionamento quanto às “Zonas erógenas do corpo que são estimuladas” (N=39).

Variáveis	Frequência	Porcentagem %
Pele, seios, lábios externos e internos, canal vaginal e clitóris	16	40%
Todas elas	14	35%
Clitóris e canal vaginal	5	12,5%

Seios, lábios e canal vaginal 4 10%

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2021.

Relacionado às participantes que fazem sexo durante a semana (Tabela 6), ao todo, 88% possuem ensino superior incompleto e 46% são religiosas. Destacam-se as que possuem união estável (100%), na qual o período mínimo de tempo foi de 2 anos e alguns meses e máximo de 15 anos. Ainda, 2,5% das participantes não responderam a questão.

Tabela 6: Frequência das relações sexuais, durante a semana (N=39).

Variáveis	Frequência	Porcentagem%
Três vezes	10	25%
Duas vezes	8	20%
Não faço	8	20%
Uma vez	6	15%
Passo mais de semana sem sexo	5	12,5%
Todos os dias	2	5%

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2021.

Em sua totalidade, a maioria tem ensino superior incompleto (90%), são religiosas (80%) e estão em um relacionamento estável (84%), no período mínimo de 2 anos e alguns meses, e um período máximo de 15 anos de união. Indicado na Tabela 7. Uma participante não respondeu.

Tabela 7: Frequências de propostas diferentes ao parceiro (a) para incrementar o sexo no mês (N=39).

Variáveis	Frequência	Porcentagem%
Só faço em ocasiões especiais, comemorações.	12	30%
Duas vezes	7	17,5%
Pelo menos uma vez por semana	8	20%
Uma vez	4	10%
Não tenho parceiro (a)	8	20%

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2021.

No quesito iniciativa na hora do sexo (Tabela 8), 40% responderam ter tido da última vez, 8% na última semana, 10% no último mês, 8% sempre. Em sua totalidade, 90% possuem

ensino superior incompleto, 10% possuem ensino superior completo, 68% são religiosas, 13% no período de 2 anos e alguns meses (duas namoram e duas são casadas), 9% no período de 4 anos (uma namora e duas são casadas), 6% no período de 1 ano (namora), 3 anos e alguns meses (namora), 5 anos (uma namora e uma é casada), 6 anos (namora), 7 anos (uma namora e uma casada), 8 anos (uma namora e uma casada), 3% no período de 3 anos (casada), 4 anos e alguns meses (namora), 11 anos (casada), 12 anos (casada) e 15 anos (casada). Destacam-se algumas mulheres (7,5%) que não responderam a questão.

Tabela 8: Frequência que a participante declarou ter tido a iniciativa na hora do sexo (N=37).

Variáveis	Frequência	Porcentagem%
Da última vez	16	40%
Na última semana	8	20%
Não costumo tomar a iniciativa	6	15%
No último mês	4	10%
Sempre	3	7,5%

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2021.

Quanto as participantes que declararam ter feito uma visita em uma empresa especializada em sexo (Tabela 9), a maioria tem ensino superior incompleto (80%), 66% são religiosas e 87% estão em um relacionamento estável, 13% no período 1 ano (namora), 6 anos (namora), 7 anos (uma namora e uma é casada), 6% no período de 2 anos (namora), 2 anos e alguns meses (casada), 3 anos (casada), 4 anos (namora), 4 anos e alguns meses (namora), 5 anos (casada) e 8 anos (namora).

Tabela 9: Percentual referente ao questionamento “Última vez que a participante declarou ter visitado uma empresa especializada em sexo (sex shop)” (N=40).

Variáveis	Frequência	Porcentagem%
Nunca foi a uma, mas tem curiosidade.	19	47,5%
Esse mês	15	37,5%
Tenho vergonha	6	15%

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2021.

Referente às participantes que declararam ter tido a educação sexual tradicional (Tabela 10), 87% possuem ensino superior incompleto e 81% são religiosas. Já as que

declararam ter tido educação sexual repressora, 82% possuem ensino superior incompleto e 75% são religiosas. As mulheres que responderam ter sido educadas de forma liberal, com orientações sobre a saúde sexual, todas (100%) possuem ensino superior incompleto e 40% são religiosas. No fim, as que afirmaram ter tido educação sexual liberal, mas sem orientações sobre o assunto, 66% possuem ensino superior incompleto e 66% são religiosas.

Tabela 10: Comparativo dos dados referente à educação sexual em casa e formação acadêmica (N=40).

Variáveis	Frequência	Porcentagem%	Ens.sup.in	Ens.sup.com	TOTAL
Tradicional	16	40%	87%	13%	100%
Repressora	11	27,5%	82%	18%	100%
Liberal, com orientações	10	25%	100%	0%	100%
Liberal, sem orientações	3	7,5%	66%	34%	100%

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2021.

Quanto as que conversam sobre sexo com os (as) parceiros (as), 84% possuem ensino superior incompleto, 16% ensino superior completo, 77% são religiosas e 94% estão em um relacionamento estável, sendo 2 anos o período mínimo, e 12 anos no período máximo de união. Das que conversam com amigos (as), 94% possuem ensino superior incompleto, 6% possuem ensino superior completo, 75% são religiosas, 37% estão em um relacionamento estável, no período mínimo de 1 ano e máximo de 15 anos. Já as que conversam com a mãe, 100% possuem ensino superior incompleto, 66% são religiosas e 66% estão em um relacionamento estável, no período de 2 anos e alguns meses. Descrito na Tabela 11.

Tabela 11: Porcentual quanto aos dados referente à “Com quem a participante tem o hábito de conversar sobre sexo” e formação acadêmica (N=40).

Variáveis	Frequência	Porcentagem%	Ens.sup.in	Ens.sup.com	TOTAL
Parceiro (a)	18	45%	83%	17%	100%
Amigos (as)	16	40%	94%	6%	100%
Mãe	3	7,5%	100%	0%	100%
Outras pessoas	3	7,5%	100%	0%	100%

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2021.

6 DISCUSSÃO

De modo geral, percebe-se que a religião já não é um fator determinante da sexualidade humana, visto que os movimentos feministas abriram portas para a autonomia da mulher dentro da sociedade, isso fez com que os papéis socioculturais sofressem mudanças, trazendo uma nova liberdade, sendo um fator importante para que as mulheres vivam sua sexualidade de forma saudável, responsável e prazerosa.

Com os dados, foi possível perceber também, que a maioria das mulheres que responderam conhecer todas as estruturas do corpo, tal como as que relataram sentir orgasmo todas as vezes que fazem sexo ou se masturbam, está em um relacionamento estável e em um período maior de tempo, a explicação para esse fator, pode ser por motivos de afinidade, comunicação, afetividade, intimidade e confiança que são compartilhadas entre os (as) parceiros (as), isso tange a questão estabelecida na Tabela 11, além do autoconhecimento das estruturas de prazer, como aborda Hernandez e Oliveira (2003). Desta forma, a masturbação, o autoconhecimento, é de extrema importância para desfrutar do prazer individual e a dois.

Quando a masturbação é praticada tem benefícios no desenvolvimento sexual, na compreensão do corpo, na resposta sexual onde há a conexão positiva da experiência, habilidade, satisfação e aproveitamento da relação (CARVALHEIRA; LEAL, 2013). Além de fortalecer o assoalho pélvico, prevenção de infecções, incontinência (DIAS, 2018), e tratamento de disfunções sexuais, como no caso da anorgasmia.

Segundo Carvalho e Sardinha (2017) os comportamentos de abertura a novas experiências, iniciativas de ambas as partes, que gerem prazer mútuo, podem facilitar o alcance do orgasmo (feminino e masculino). E “insistir que a mulher alcance o orgasmo apenas com o coito seria forçá-la a se adaptar a estímulos insuficientes” (CARVALHO E SARDINHA, 2017).

Para o estímulo do prazer sexual existem as zonas erógenas na mulher, que é o local das zonas mais sensíveis concentradas em terminações nervosas. Dentre elas destacam-se algumas mais óbvias como a pele, seios, boca, nuca, pescoço, orelhas, parte interna da coxa, nádegas, vulva e ânus. E há outras, nada convencionais como os pés, a cabeça, mãos, sobrancelhas e nariz, contudo cada mulher tem sensibilidade, estimulação e ritmos singulares (LOU, 2001). Portanto, é preciso conhecer essas áreas para uma melhor sensação e experiência prazerosa.

Muitas mulheres apesar da vontade, curiosidade e tentativas, não conseguem chegar ao orgasmo, ou até mesmo não sabem o que deveriam sentir nessa etapa, desta forma é interessante à procura em blogs (feitos para isso), vídeos, podcasts que ensinam passo a passo como se masturbar, com o uso de brinquedos sexuais e sem eles, assim como diversas posições que na hora do sexo podem proporcionar esse prazer.

Infelizmente o que era para facilitar, acabou dificultando, devido crescente evolução da emancipação da sexualidade, as mulheres estão sofrendo a pressão social de ter um orgasmo, o que influencia no aparecimento de ansiedades, desânimos e angústias que causam as disfunções sexuais (LUCAS, et al, 2009).

Pode-se notar isso, nos dados coletados, nos quais algumas participantes relataram não conhecer todas as estruturas erógenas do corpo feminino, assim como aquelas que responderam nunca ter tido um orgasmo ou não saber se o que sente é um orgasmo, e as que nunca se masturbaram ou as que já tentaram e não conseguiram e as que relataram não terem interesse em fazer sexo por questões de doença e estresse.

Existem algumas abordagens terapêuticas, dentre as quais consiste em explorar tais inibições, desmistificando crenças e tabus. Além de acompanhamento psicológico para trabalhar as relações afetivas, comunicação sexual e o conhecimento dos estímulos que lhe são mais adequados e preferidos, evidenciando a autonomia (FERREIRA, 2008).

Aqui que entra a importância da utilização dos “brinquedos sexuais”, mais da metade das participantes declarou nunca ter ido a uma empresa especializada em sexo, nisso, os números nas respostas sobre o desejo e libido sexual, tal como a iniciativa na hora do sexo poderia ter sido maiores, visto que grande parte se relaciona, mas claro, o descobrimento do prazer individual é ainda mais importante. Pois, só exercitando o autoconhecimento que a mulher vai detectar problemas na sua sexualidade, podendo buscar soluções para essas questões.

Faço uma ressalva para a educação sexual que se apresentou em peso como tradicional e repressora para as questões apresentadas na Tabela 4, Tabela 8 e Tabela 9. Desta forma, é possível perceber que a maneira que a educação sexual é estabelecida dentro de um contexto familiar, social e escolar, modifica a forma que o indivíduo lida com o prazer sexual. Assim como o estudo de Baumel (2014), sobre o papel da masturbação na sexualidade da mulher, para essa discussão também foi encontrado problemáticas no que tange a sexualidade feminina a respeito dos tabus e preconceitos que atualmente ainda fazem parte da nossa sociedade.

Nota-se, a partir dos estudos de Soares et al (2008), intitulado: “oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio”, que o grau de conhecimento perante as relações de saúde sexual é muito inferior ao apresentado pelas participantes do estudo em discussão.

Neste projeto, a amplitude de escolaridade foi avaliada somente quanto ao ensino superior incompleto e completo das participantes. No qual constatou, que o grau de escolaridade é um fator importante quando se trata de conhecimento, já que foi possível observar que 4 das 5 docentes, incluindo a com pós graduação em doutorado, apresentaram um maior conhecimento sobre sua sexualidade, além disso, há uma teoria de que quanto mais se estuda, mais se sabe.

No entanto, essa variável não pode ser avaliada de maneira absoluta, pois o número de mulheres que possui ensino superior incompleto é muito superior ao número de mulheres que possui ensino superior completo, talvez, se os dois elementos fossem mais próximos em questão de quantidade, essa pudesse ser uma variável de influência na sexualidade humana.

Uma questão importante para se pensar e que não pode ser discutida e avaliada, é que, se esse estudo tivesse sido dividido para cada fase do curso de Ciências Biológicas, e não de modo geral, o conhecimento referente às estruturas do corpo e as relações de prazer, aumentariam conforme a discente estivesse mais próxima de sua formação, ou seria indiferente?

7 CONCLUSÃO

Conclui-se com essa pesquisa, que a religião já não influencia a sexualidade feminina na compreensão do corpo e as relações de prazer; visto que atualmente os aspectos socioculturais sofreram diversas transformações, e deu início à liberdade sexual da mulher.

Já o estado civil e o tempo de relacionamento ainda são fatores determinantes na compreensão do corpo e das relações de prazer. Estima-se que quanto maior o tempo de relacionamento, maior probabilidade de vínculo afetivo, emocional e estabelecimento de confiança o que define maior contato íntimo e descoberta do prazer conjugal e individual.

A educação sexual se apresentou em peso como tradicional e repressora para algumas questões referente a qualidade do desejo e libido sexual, iniciativa sexual e o hábito de visitar empresas especializadas em sexo. Assim, é possível perceber que a maneira que a educação sexual é estabelecida dentro de um contexto familiar, social e escolar, modifica a forma que o

indivíduo lida com o prazer sexual, pois tais ensinamentos podem estar atrelados a muitos tabus e preconceitos.

Referente ao grau de escolaridade não se pode ser avaliado de forma absoluta como uma variável que influencia na sexualidade humana, já que o número de ensino superior incompleto é maior que o número de ensino superior completo.

Também, os dados gerados na pesquisa, informaram que os fatores biológicos, culturais e sociais, têm um significado amplo e variado na reprodução do indivíduo, sendo elemento de realização humana nas relações afetivas, induzindo de forma positiva e negativa no autoconhecimento sexual da mulher.

REFERÊNCIAS

- BAUMEL, SÉRGIO WERNER. **Investigando o papel da masturbação na sexualidade da mulher**. 2014. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://repositorio.ufes.br/handle/10/3094>.
- CARVALHEIRA, Ana; LEAL, Isabel. Masturbation among women: Associated factors and sexual response in a Portuguese community sample. **Journal of Sex & Marital Therapy**, v. 39, n. 4, p. 347-367, 2013.
- CARVALHO, A. C.; SARDINHA, A. **Terapia Cognitiva Sexual: Uma proposta integrativa na psicoterapia da sexualidade**. 2017.
- DIAS, Andréa Soares. **ANTROPOLOGIA DA SEXUALIDADE: O ORGASMO E SUA FISIOLOGIA**. 2018. Tese de Doutorado. Tese de Monografia.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Eduel, 2010, p.188.
- HERNANDEZ, José Augusto Evangelho; OLIVEIRA, Ilka Maria Biasetto de. Os componentes do amor e a satisfação. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 23, p. 58-69, 2003.
- LOU PAGET. **O grande Oooh!** São Paulo: Editora Planeta, 2001.
- LUCAS, Catarina Oliveira; OLIVEIRA, Cristina Maias; MONTEIRO, Maria Isabel Alves. Perturbação do desejo sexual hipotativo: prevalência, diagnóstico e tratamento. **Mudança–Psicologia da Saúde**, v. 17, n. 2, p. 101-112, 2009.
- REIS, Andréia Silva; KOBAYASHI, Cristiani. A satisfação sexual de mulheres jovens considerando dois conceitos: excitação e orgasmo. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 36, n. 1, p. 29-36, 2015.
- SOARES, Sônia Maria et al. Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. **Escola Anna Nery**, v. 12, p. 485-491, 2008.
- TRINDADE, Wânia Ribeiro; FERREIRA, Márcia de Assunção. Sexualidade feminina: questões cotidianas das mulheres. **Texto e Contexto-Enfermagem**, v. 17, n. 3, pág. 417-426, 2008.
- VIEIRA, Kay Francis Leal et al. Representação social das relações sexuais: um estudo transgeracional entre mulheres. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, p. 329-340, 2016.

APÊNDICE A — QUESTIONÁRIO APLICADO

Escolaridade:

Religião:

Estado civil (namora, casada, sem parceiro (a) fixo (a)):

Tempo de relacionamento:

1 - Das estruturas que compõem as excitáveis durante o ato sexual, quais delas têm conhecimento:

- Clitóris
- Glândulas produtoras de secreção para a lubrificação externa
- Glândulas produtoras de secreção para a lubrificação interna
- Nenhuma delas
- Todas elas

2 - Durante a semana, quantas vezes você faz sexo?

- Um vez
- Duas vezes
- Três vezes
- Todos os dias
- Passo mais de semanas sem sexo

3 - Quantas vezes no mês propõem ações diferentes ao seu parceiro (a) para incrementar o sexo?

- Um vez
- Duas vezes
- Só faço em ocasiões especiais, comemorações.
- Pelo menos uma vez por semana

4 - Quando foi a última vez que tomou a iniciativa na hora do sexo?

- No último mês
- Na última semana
- Da última vez

- Não costumo tomar a iniciativa
- Sempre

5 - Quando foi a última vez que visitou uma empresa especializada em sexo (sex shop)?

- Nunca fui a uma, mas tenho curiosidade
- Esse mês
- Essa semana
- Nunca, tenho vergonha que alguém me veja em um lugar assim

6 - Qual a última vez que sentiu orgasmo?

- Todas as vezes que faço sexo
- Nunca senti orgasmo
- Sozinha me masturbando
- Não sei se o que sinto é orgasmo

7 - Como foi sua educação sexual em casa?

- Repressora
- Tradicional
- Liberal, com orientações sobre o assunto.
- Liberal, mas sem orientação sobre o assunto

8 - Com quem costuma falar sobre sexo?

- Amigos
- Mãe
- Parceiro
- Com ninguém, tenho vergonha desse assunto
- Com meu médico

9 - Como está o desejo ou libido sexual?

- Não tenho muito interesse em sexo, por motivo de doença
- Não tenho muito interesse em sexo, por motivo de estresse
- Não tenho muito interesse em sexo, meu parceiro não é criativo
- Não gosto de sexo

Meu desejo está normal

10 - Tem o hábito ou já sentiu prazer se masturbando?

Nunca, isso é errado, jamais faria

Não, tenho vergonha

Sim

Não, já tentei mas não consegui

Nunca, mas gostaria de tentar, não sei o que fazer

11 - Quais zonas erógenas costuma estimular?

Pele, seios, lábios externos e internos, canal vaginal e clitóris

Seios, lábios e canal vaginal

Clitóris e canal vaginal

Todas elas

Nenhuma delas